

18 de Setembro de 1904

O EXEMPLO

Esta folha deixa de apparecer no dia 25 para ser publicado no dia 28 em homenagem a lei do ventre livre.

Liberdade profissional

III

Bem sei que o sr. dr. Duprat, não descerá da altura em que a vaidade humana o collocou, para vir ler n' *O Exemplo*, estes pobres rabiscos escriptos por um curandeiro, vulgar. Porém, que importa?

Basta que os mesmos sejam lidos pelos espiritos sãos e bem intencionados, de quem espero a sentença sobre a attitudão *audaciosa* que neste momento assumo.

Não consta que o dr. Duprat tenha até esta data escripto em livro ou em jornaes, cousa alguma sobre cirurgia ou medicina, nem tão pouco descoberto algum medicamento, para a cura radical do cancro, da *syphilis*, da *escrophula*, *tuberculose*, ou de qualquer outra enfermidade.

S. s. limita-se a receitar para doentes seus atacados dessas enfermidades, os remedios já aconselhados pelos mestres, e os quaes chegam as nossas mãos, por intermedio das revistas e dos formularios e tudo q' quasi tudo de precedencia estrangeira.

S. s. por felicidade da humanidade não é um innovador senão no odiar os curandeiros, naturalmente, porque quando elles são encarregados de tratar de algum doente, procuram sempre e com muito cuidado fazer o seu diagnostico, sem inventar molestias e dar nomes que muitas vezes nem os inventores sabem o que quer dizer.

Entretanto não são os curandeiros so mais perigosos e se estes merecem condemnação, diga-nos ss., diga-nos os profanos das ciencia, que sentença se deve dar, a um *doutor*, que receita, *Ergotina de Boujain*, a uma *parturiente*, para que esse medicamento, *fazer expellir a placenta que se acha a 24 horas retida no!!!*

Vamos para o provar ceder a palavra ao sr. dr. Theodoro Wisema.

Assim falla o illustre homem de sciencia:

„O melhor medico não é aquelle que sabe mais, porquanto, por mais sabio que seja, isso hada vale.

O melhor medico é aquelle que ama seus doentes e que delles tem compaixão.

A este podemos cegamente confiar o cuidado de nossa vida, na certeza de que não virá experimentar em nós os remedios desconhecidos; que não nos operará sem necessidade; que não inventará doencas supplementares sob o pretexto de curar-nos das que soffremos.

Este si, não sabe curar-nos, saberá ao menos soffrir conosco e consolarnos...

Não é preciso ser sabio para prestar a humanidade relevantes serviços.

No tempo do passado regimen existiam tambem medicos e pharmaceuticos, porém, licenciados, hoje não existe a liberdade profissional de facto. F. desse tempo já apresentado ao dr. Duprat — o *curandeiro* por excellencia o finado Joaquim Alves de Souza, q' e, aqui nesta velha cidade nasceu e onde morreu, cercado sempre da mesma confiança do povo, quer como medico, quer como pharmaceutico.

Durante o tempo, que viveu o seu *Quinca da Botica*, como o povo o chamava, nunca doutor formado poude clinicar em Rio Pardo, porque sobre elle estava a competencia e a caridade do velho pratico.

Na capital do Estado ainda reina o sr. Carlos Eugenio Dupasquier, e não há em Porto Alegre; pharmaceuticos ou medicos, formados que sejam capazes de pôr em duvida a capacidade desse pratico, e até estou quasi jurando que o sr. dr. Duprat é um de tantos entusiastas e apologistas dos seus excellentes preparados.

Quem sabe? é bem possivel que o doutor se socorra assim do leigo!

Rio Pardo.

Lindolpho Ramõs.

Sympathia...

A' Hellinia...

Sympathia é o brilhante,
Cujo brilho n'um instante
Nos invade o coração;
Nos encanta e inebria,
Nos prende, nos extasia,
Tem força, tem attração!...

Sympathia é ventura,
Tem um olhar que fulgura.
É as vezes terir-nos vêm;
Olhar cheio de attractivo,
Penetrante, forte, vivo
Como a Hellinia assim o têm.

Sympathia sentimento
Que, em rapido momento,
É transformado em paixão;
Sympathia, anjo mimoso,
Tens no porte gracioso
O iman de minha attenção!

Tens nesse olhar fulgurante,
Tens na graça scintillante,
Tens na mestria
Sympathia: anjo querido,
E' o que a ti nunca olvido,
Pois sympathia é — Amor!

Pepitã.

O que é a tourada...

Em todas as corridas de touros apparecem tres feras que são: O touro, o toureiro e o publico.

O grão de brutalidade de cada um d'estes brutos pode calcular-se pelo seguinte:

O touro é obrigado.
O toureiro obriga-se.
O publico vae por um acto espontaneo de sua soberana vontade e, ainda em cima, dá dinheiro.

Observae bem esta degradação:
O touro, provocado, defende-se.
O toureiro, fiel ao seu compromisso, tourra.

O publico diverte-se.
No touro ha força e instinto.
No toureiro valor e destreza.
No publico não ha senão brutalidade..

V. Hugo.

As ceroulas do Sr. Maria

O Sr. Maria pinta o pei Simão de Capote para não passar por homem de pouca roupa. Caminha gingando, abanando levemente com faceirice a cabeça grande e chata, como a de um cearense, forçando com a ponta do queixo rombudo o carço do pescoco para fazer-lhe uma pupada petulante, onde se deposita todo o orgulho bobo que lhe transparece a flor dos labios grossos arrebitados.

O Sr. Maria foi Militar. Então é engraçado ouvir-se-lhe dizer com enfase de perú sem rabo:

— Ah! no meu tempo de tarimba, quando eu me vestia á paizana, ninguém botava o pé adiante!

Em uma certa occasião que uma sociedade bailante dava sua partida de anniversario, andou da sala para a cozinha para se apresentar com esmero

e luxo, afim de ser o cavalheiro mais elegante do salão.

Em a noite do baile exhibiu-se de ponto em branco: casaco, de cassineta cor de pinhão cru, calças de brim branco de seu grande uniforme de operario militar, sapatinhos de entrada baixa, onde estufava, como bolos mãe-benta mettidos em fôrmas, o peito dos pés carnudos, calçados em meia de algodão-sinho branco, ainda do sobredito uniforme.

Um chronista endemoniado, sabendo do traje exotico e carnavalesco do Sr. Maria, mettu-o a bulha, dizendo que elle, assin enjambado no fardão tão variegado e espalhafatoso, tinha uns ares de china de soldado em domingo de missa ou parada de batalhão.

Ah! para que tal disseste! Meu Maria, ao ler a cousa, vociferou e lançando mão de uma vara, brandindo-a como se manobrasse com uma espada, brada!

— Jornal immoral! não respeita as familias! No quartel, quando me passavam na vara era com ella verde, mas esta, entesinlo o braço e mostrando a vara, hei de passar nas brazas para metter (salvo seja) no lombo do gerente deste pasquim. E espatifou o jornalista na ponta da vara de marmello.

E' sua innocente mania julgar-se que constitue uma familia, marido e mulher: por isso entende que é uma offensa á moralidade publica, a menor allusão feita a sua catholica pessoa; porém voltamos a vacca fria, pois os leitores já conhecem a força do senhor Maria.

No dia da soirée, a pretexto de acompanhar a pequena no arrasta pé, repimposu-se em casa d'ella desde á tarde, economisando assim um jantar.

dos mudos a resmungã da velha que dizia: „Que diabo! logo hoje que o feijão é pouco é que este marmanjo vem se metter aqui!“ e dizendo graçoi-las picantes comeu a empanturrar, o que era observado pela pequena que reciosa d'alguã congestão, ponderou-lhe o seguinte.

— Olha, Mariasinha, estás comendo de mais; temos baile logo e pôde te aconteeer alguma cousa.

Ao que elle respondeu, com a bocca cheia:

— Não te assustes, menina, que esta barriga é elastica.

Anoiteceu. Chegou a hora suspirada pela noiva do Maria. Foram os primeiros a entrarem no salão.

A chefe da familia recolheu-se com a moça afim de guardarem o chales etc. O Maria escarrapachou-se em uma cadeira que embarçou-lhe o passo de flante estonteado e levou a mão ao botão para por um pouco de allivio ao pandullo empanturrado; porém mudou de resolução, murmurando: — Saffa, ia cahindo n'uma dos meus peccados, saffa!

E foi dar um passeio a sotéia.

A musica preludiou uma contra-dança. Surgiu do toilette a futura do Maria e de um canto da sotéia o Maria alliviando a pansa empinada e agacharam-se a dançar.

O rapaz saracotiava espinoteava-se como um louco no que era obstado pelas recommendações conselheiras da cautelosa namorada que lhe dizia de vez em quando:

— Tu comeste muito, não deves pular tanto.

O Maria continuou nos saltos desenfreados.

Na quarta parte da quadrilha disse baixinho ao seu par.

— Estou com a cabeça tonta, Calonga, parece-me que o assoalho vai desabar, estou que não me posso conter em pé.

E suava, suava por quantas juntas tinha.

— Eu não te disse que não pulasse tanto que podias ter algum vago; agora vamos lá pra perto da mamãe, acon-

selhou a moça, já temozora, em altas vozes, de maneira que os demais convidadados acercaram-se d'elle e o levaram em charola até onde estava a pessoa indicada.

Ao ouvir-se aquelle borborinho e sabendo-se do occorrido, a velha gritou logo:

— Afrouxem, afrouxem as calças, porque elle encheu-se bem de feijão e pôde ter um ataque de cabeça.

— Não; não preciso, balbuciu o pobre diabo banhado em suores frios, já estou melhor.

— E', não precisa, intercedeu a namorada, é melhor levarmol-o para a casa, aqui elle fica acanhado...

— Nada, nada, vai d'aqui já frouxo, deixemos de massada. Afrouxem, ordenou a velha.

— Muito bem, intrometteu-se um dos circumstantes com fumaças de medico, desapertem os organs respiratorios.

Estava condemnado.

O Maria semi-fechou os olhos e deixou mesmo correr frouxo.

Em dois tempos o botão voou, o brutto não usava suspensorio, unica cousa que podia salvar a situação; a calça desceu!

Houve então, um alvoroço impossivel de descrever-se. A velha gritava com a voz engançada:

— Fugam as mulheres e entrem os homens que o rapaz está sem ceroulas!

A Calonga desmaiou; o Maria para disfarçar o fiasco atirou-se ao chão estabujando-se, roncando como um porco. E a velha gritava:

— Tapem os olhos, meninas! Esses bilontras querem cazar para botarem ceroulas á custa das mulheres!

— A velha acanhada, a primeira cõusa que fez, foi o seguinte bilhete:

Sr. Maria — Quem quer cazar não anda sem ceroulas para não sujeitar as noiyas a verem a pouca vergonha que eu vi hontem e mais as outras moças que não devem ver certas cousas. — Calonga.

Koi o chá de louro que o Maria tomou para curar-se da indigestão da vespera.

Liscato.



A chuva cahe... pranto, triste,
Dos olhos da immensidade
Que ao cotejo não resiste
Do que verte uma saudade.

31-8-1904.

Tico.

UM PALPITÃO

D. Mariana — O vestido — O physico — O grande defeito — Os sonhos — O dr. Passos — Cercando a vacca — Em frangalhos — A queimação da velha.

Os senhores não conhecem dona Mariana?... Pois não sabem quanto gax-nham com isso. D. Mariana é uma excellent senhora, não ha duvida nenhuma, tem qualidades 'distinctas' de coração e até mesmo de espirito. Lá quanto ao physico, está muito estragadinha, benz-a Deus, e não a lamba o gato; está mesmo requerendo umas obrazinhas, pelo menos uma pintura e uma paysage nova, que o seu vestido preto deu em ser inimigo dos japonezes e... ficou ruço de uma vez. Ao sol tem uns tons esverdeados de azeitona chõcha; na sombra dá uns ares de rapé, no escuro tem lustro como umas botinas de verniz, ao gaz puxa assim qualquer cousa para um modesto havana... da Bahia. Um vestido furta-cór, emfim, que em caso de aperto poderá armar em arco-iris... nocturno, de tons sombrios.

Mas não é o physico estragado o grande mal de d. Mariana. Afinal a gente não olha para isso uma vez que não se pretenda deitar conquista com ella. D. Mariana já chegou a idade e, principalmente, á feitura em que uma senhora é digna de todo o respeito.

O mal, o grande mal dessa creatura, o seu defeito insupportavel é o jogo do bicho. D. Mariana é doidinha pelo jogo do bicho. Póde passar sem almoçar, sem jantar, sem dormir, sem... sem nada, mas não passa sem arriscar uns cobrinhos no grupo tal, e na centena tal, e na dezena tal.

Chega a ser doença já. A toda a gente pede palpites, em tudo vé palpites e que palpites, que complicação de palpites!

Imaginem que ella já emprestou a vinte cinco conhecidos seus sympathias pelos vinte e cinco bichos, de modo que quando sonha com a prima Anastacia, é aguia, com o dr. Castro é urso, com d. Angelica é borboleta e assim...

O genro é burro — isso é elle; a filha, jacaré; o neto elephant; a cunhada, camello; a concunhada, porco. O macaco era o medico da casa, o dr. Bernardes, mas como ultimamente teve uma questão com a Prefeitura por lhe ter apanhado um cachorrinho muito vagabundo, o Zephíro, e deu para sonhar que está esmurando o dr. Passos, passou o prefeito a ser o macaco. E' sonhar que elle está pegando o Zephíro — zás! — lá vão 500, no macaco e 500 no cachorro.

Ha dias sonhou que viu passar um homem com um balandrau e tirou as seguintes conclusões:

— Balandrau é de seda; seda é fazenda; lá também é fazenda; lá tira-se do carneiro: 500 no carneiro.

Jogou e deu o macaco. A tarde desse dia, disse:

— Perdi por ser tola. Pois se estava tão claro... Balandrau é de irmão de irmandade. Ora ha irmandade do Senhor dos Passos; Passos, dr. Passos; dr. Passos, macaco... Estava mais claro que agua.

— Macaco e ella perdeu porque jogára no cavallo, e jogára no cavallo porque sonhára que andava passeiando. Ora passeio póde ser a cavallo.

De tarde já se sabe: — Tola outra vez. O passeio podia ser na Avenida Passos, e além disso, quem passeia dá passos. Devia ter embarcado no macaco...

Pois é assim, d. Marianna. Para ella a vida é o jogo do bicho e o jogo do bicho é a vida. Tudo quanto apanha torra no joguinho, tudo, inclusive a paciencia dos conhecidos. Não conversa em outro assumpto. Está já ficando doida. Ainda hontem a encontrei na rua, e como ella me avistou de longe, não pude fugir ao comprimento.

— Como vaé, d. Marianna? ... Sabem o que me respondeu?

— Estou cercando a vacca...

Ora já viram só! ... Ah! mas também não passou sem a piada.

— Cuidado com alguma marrada, d. Marianna! ...

Seguiu, sem me dar resposta, meio indignada pelo meu desrespeito pelo seu palpite.

Bocca para que tal disseste! Isto foi na rua Gonçalves Dias, esquina da rua Sete, ás 2 horas. Meia hora depois encontrei a velhota, em frangalhos, toda empoeirada, toda rasgada, na rua do Carmo.

— Que foi isso, d. Marianna? Quem a poz nesse estado? ...

— Foi a vacca? ...

— A vacca? ...

— Sim. Não vé que ella deu... Eu fui receber a bolada, em casa do banqueiro, alli na rua Sete. Elle, assim que me viu e como tinha que pagar duas centenas, uma dezena e cinco mil réis no grupo — era um palpitão esplendido que eu tinha tido — elle fugiu, pelo meio das obras da avenida, atravessando as demolições. Eu fui atrás e rasguei-me em uns caibros, derubaram-me torrões em cima; cahi em uns buracos...

— E apanhou o homem? ...

— Quall!... Fugiu o ladrão... Mas

arranjei dous palpites e tanto para amanhã; cobra e veado.

— Como arranjou?

— Cobra, eu que estou furiosa; veado, elle que corria como um damnado...

— Então jogue tambem no cachorro...

— Porque?

— Não disse que elle fugia como um damnado?... Damnado, cachorro...

— Cachorro é você, seu atrevido, que tem animo de dizer asneiras e más criações a uma senhora de idade, toda rasgada em um momento tão afflictivo, como este...

Levei com esta pelas ventas, olarilas!...

JOÃO PHÓCA

O papagaio

Apezar das puxa-puxas com que o governo provisório foi engambelando os chorões da monarchia, garantindo-lhes com diversos decretos todos os privilegios e honorarios que gosavam no imperio, só um ou outro titular casmurro faz questão pela excellencia que lhe dá direito o seu titulo de barão ou a sua condecoração do habito da rosa.

Porém, os que estão convencidos que com grandezas não se manda ao mercado, foram, com o passar do tempo, se conformando com a edulcoração que as novas praxes republicanas operaram nos velhos costumes da fidalguia e trataram de dar serviços aos ourives, mandando converter em joias para o uso trivial os seus queridos *caracachás*.

Ha um anno, pouco mais ou menos, o velho portuguez, seu Zé, como era geralmente conhecido no Rio de Janeiro, onde residia, reuniu em conselho toda a sua familia que se compunha da mulher e uma filha, já moça, e tomou a palavra, começando:

— Quero que bosmínics, as duas, oíçam-me com attenção a falia que lhes quero fazeri para puderem julgar da minha razão...

— Vamos ao caso, interrompeu-lhe a mulher, que é uma carioca esprevitada.

— O papai tambem, para dizer qualquer cousa faz uma conversa tão cumprida, objectou-lhe a filha.

— Debagar se bai ao longe, sentenciou o seu André, emmendando o fio do discurso: como as senhoras as duas sabem que eu para ganhari o pouco do dinherinho que nos garanti o sucego do espirito foi preciso consentiri que no valeão tomassi certa liberdade commigo quanto pé rapado lá por ali; de maneiras que todos me tratam de seu André pra cá, seu Zé pra aculá, e poucos me tratam de commendadori. Ora, si eu adinhasse que esta maldita republica binha nos surprenderi tão de pressa, não tinha mandado pra santas terrinhas o meu rico dinheiro pra de lá bir a medalha da billa biçosa afim das senhoras as duas serem qualquer cousa na ordem das cousas e não a mulherti e filha de um taberneiro qualqueri...

— Em summa, o que é que vossé pretende, seu André? perguntou a mulher.

— Ora, o que pretendo fazeri? respondeu o marido, ver se acavo com este raio de seu Zé, que não ha gato nem cachorro que não me conheça por isso!

Pretendo me retirari com armas e vagagem, como diz o outro, para um lugari que não me conheça si não pur commendadori, até bosmínics em casa!

Em meio de seu palvareado, notou de soslaio, que a sua cachopa dava uns *mu-chôchosa* proporção que ia desvendando ás intenções do pai; então virou-se para ella e repreendeu:

— Deixe de estari a fazeri momices. Preferis ficari para ali assim, simples filha de suor taverneiro apataçado, do que seris a gentile senhorita da elita sociali; isso de homem se encontra em toda parti, a questam é saver ser genti.

O seu Zé era um portugua zarro, com quem a mulher, apezar dos vinte annos de casado nunca conseguia identificar-se com seus habitos abrutados que elle adquerira na vida do baleão; por isso, por mais que se esforçasse não podia atuar quando necessitava se dirigir ao marido.

— Deixe a pequena, seu Zé, eu tambem fui moça e tive meus amores; faça o que vossé quizer, que nós estaremos por tudo.

E com esta advertencia decisiva da esposa, foi encerrada a discussão do projecto da partida; e mais tarde, determinada para se effectuar no primeiro vapor que zarpassse para Porto Alegre.

Como bem predizera o seu Zé, ja agora, commendador, a sua filha de chegada arranjara namoro com um rapaz bem encarreado no commercio, e já gosava a lua de mel na epocha em que se deu o facto que vamos relatando: o novo e o velho casal habitavam um bonito palaceté situado em um dos bairros mais pitorescos de Porto Alegre.

O commendador enchava de contente, ninguem o tratava senão de seu commendador; nem o nome proprio delle sabiam. Sahira tudo a medida de seus desejos.

Um bello dia veio á cidade, e ao encaminhar-se para a praça da Alfandega para tomar o bonde; passou pela agencia do acreditado leiloeiro Silva Lima que, na occasião apregoava:

— Um papagaio fallante do bico real! Qualquer preço, senhores!... Não tem valor?...

Se conhece que elles são bons quando têm uma mancha no rabo, o bico grosso e a cabeça vermelha como este tem: Oh, seu Fernando, mostre o bicho ahi aos freguezes; mas mostre bem: o rabo, a cabeça e o bico, para examina-rem bem...

Attrahido pela loquacidade do leiloeiro, o commendador estacou á porta e reflexionou:

— Bou cumprari este animalinho: assim como assim não me bô mai emvora festa terra, portanto isto ha de fazeri uma vonita figura no meu muvilario.

Como de facto momentos depois o commendador entrava em casa todo radiante pela boa compra que fizera, subreptamente cauteloso quanto ao negocio, condeição imposta pelo leiloeiro: pagar e levar logo.

Todos o rodearam e o commendador todo cancho e garboso fez a apresentação:

— Benham ber uma preciosidade que comprei para enriqueceri os trastes de nossa baranda.

— Que lindo papagaio, que bellas plumagens! exclamou garrulmente a filha.

— E' realmente uma importante compra, disse o genro.

— Se elle for fallador, atalhou a esposa do commendador.

— Como não ha de ser? Eu o comprei porque diversas litigantes m'o afirmaram que elle é vom.

— Me parece mesmo já ter visto este passaro, tornou o moço.

— Então vamos ver se o commendador não fez alguma asneira advertiu a esposa.

E chegou-se para o papagaio, quasi encostando o seu rosto aleiviado no bico da ave começou a provocal-a:

— Carrupacos papacos! anda roda creoula, com molantos e farpas...

O papagaio apenas fez um mencia de surdo apasmado e mais nada.

— Qual! isto não presta: eu bem disse que o commendador tinha feito uma asneira. Isso de bicho de leilão não passa de pinoia! Concluiu a commendadeira.

— Estás ainda com os havitos da escravidão e pensas que o animalinho seja noticiariista do *Correio* para andari as voltas com as crioulas! O leiloeiro gritava que elle é do bico real portanto é portuguez: vamos ber se elle me attende.

E o commendador por sua vez, dirigiu-se ao papagaio:

— Pápagaio real, para Portugal: quem passa?... E' o rei que bai á casa?... toca tromveta e caixa *tra-rá-tra-rá-tra-rá*.

E o papagaio continuou na sua mudez inconsciente voltando-se de vez em quando no puleiro de gaiola.

— Amanhá ou depois elle se acostuma: estranhou a casa.

A noiva que atravessava a epocha em que se acariças revoaam em nosso espirito como mariposas ao redor da luz, vendo a cara de desconsolo com que o pai ficara ante do silencio do papagaio propoz-se tambem a estimulalo.

— Vamos a ver se commigo elle perde a vergonha.

E começou com sua voz meliflua:

— Papagaio, meu louro, dá cá um beijo; meu louro: dizendo isto ligou os labios coralinos e ao despegal-as fez soar no ambito da varanda o estalido da pressão feita na petela de uma rosa.

O jovem esposo não resistiu a provocação e respondeu ao pé da letra com outro bem nas bochechas da moça, emquanto o passaro fallante como se ouvisse uma phrase peculiar principiou a repetir-a atabalhoadamente:

«Um beijo, meu louro, dá cá um beijo para a mamãe, meu louro para a mamãe um beijo».

A primeira palavra de um bebé de quem os paes já tivessem perdido a esperanza de ouvil-o fallar não causaria tão explosivo enthusiasmo.

O commendador batia palmas e gritava:

— Então que dizia eu? o vichinho é vom!...

A filha acrescentava...

— Agradeça a mim, papai que o desencantou!

— Vem muito vem bamos continuari a dari a lingua, aconselho o commendador, para que elle não envatique mais; e dirigiu-se ao papagaio:

— E p'ro papai, meu louro um beijo, meu louro, p'ro papai.

«P'ro papai meu louro uma barra meu louro pro papai» repetiu o passaro.

— Hein! o que elle disse agora, uma voa? interrogou o commendador: então elle é portuguez?

— Nós entendemos, uma proa: disse-ram as mulheres.

O genro que tinha percebido melhor o termo, mudava de cor; enquanto o papagaio continuava em seu chorrillar touquenho:

«Pro papai, uma boufa, pro papai meu louro, pau bate seu Zé».

— O que?! exclamou espantado o commendador: este patife me conhece?!

O moço commerciante que estava *estaltando* para soltar uma gargalhada a custo comprimida, não agüentou mais e findo e fallando, esclareceu o embulho.

— Eu bem disse que conhecia este papagaio: foi da bodega do Zé Pau Bate, no becco do poço, onde é agora o bodegão de um celebre cavalleiro;

Ao ouvir tal explicação o commendador quasi desmaiou: tinha em casa o maior delator do seu mero passado. O que elle esforçava-se por encobrir era justamente pelo que o diabo do bicho principiava a fallar.

— Então não quero ver mais este diavo na frente dos meus olhos: papagaio de vodega! o que não, o que não saverá este *traste!* Isto é uma immoralidade para uma casa de familia: olha mulherti, a criada que dá sumisso nizo, terminou o commendador, recolhendo-se ao seu gabinete.

Desde aquelle momento o desbocado papagaio, foi fazer companhia a cosinheira que, dando corda, ria-se a morrer com a grolhada obscena da ave; e ao escurecer, quando ella se retirou para os penates lá qua pousada na alça da cesta que conduzia o Jacaré para o Alcibiades, o maldito papagaio que tão amarga decepção fizera o commendador tragar.

GUAQUINHO.

Carteira d' O Exemplo

A. M. — Obrigado pela nimia gentileza da saudação que nos enviou em um postal elegante no dia 7 de Setembro.

C. M. — Em vista da vosso attencioso pedido, estamos promptos a attendel-a desde que nos dê a honra de sua visita.

Tuquinha. — Ora sr. Tuquinha, você precisa é de uma touquinha e uma... chupeta.

Remetta o jornal para a casa n.º
da rua
para o Sr.
que deseja ser incluído no rol dos
assignantes a contar de de
de 1904.
(Assignatura de quem remette):

Notas semanaes

Hoje, durante o dia, estará aberta a concorrência publica a pharmacia Inglesa, situada á rua dos Andradas n. 192.

Erratas. Na noticia que de pos sobre os festejos da sociedade Floresta Aurora, ao 7 de Setembro, deram-se algumas erratas, que convem corrigir, eil-as: onde lêr-se "... Horacio Porto" leia-se: "... Honorio Porto". Onde lêr-se: "... retiramos os nossos agradecimentos", leia-se: "... reiteramos os nossos agradecimentos".

O „Dr. Antonio“. Lê-se em um jornal do Rio:

„Um individuo, correctamente vestido, chegou, na noite de sabbado, ao Grande Hotel Bello Horizonte e ahi pediu um aposento para pernoitar, no que foi prontamente servido, dando á porta, o nome de Arthur Braga.

Na manhã de domingo, muito cedo, o guapo cavalheiro levantou-se e declarou ao hoteleiro haver passado muito mal a noite, receiando haver sido até roubado.

Fez isso desconfiar o dono da casa, que chegou a dizer ao hospede:

— Homem, você parece-me mas é o „dr. Antonio“, o tal gatuno muito conhecido.

Muito calmo, o mancebo sorriu-se e respondeu que não, absolutamente não, que o „dr. Antonio“ estava agora em Campinas e nada tinha de parecido com elle. E retirou-se.

Estava o incidente quasi esquecido, quando um antigo hospede do hotel, ao levantar-se, deu, com grande surpresa, pela falta do seu relógio de ouro, corrente do mesmo metal e medalha.

Não havia duvida; o hospede de uma noite havia sido o „dr. Antonio“, o refinado gatuno, que ultimamente, com egual estratagemas, tem praticado diversos furtos em hotéis desta capital, sem que a policia tenha conseguido deitarche a mão.

E essa mesma policia teve hontem, mais uma queixa, a do dono do hotel Bello Horizonte, contra o „dr. Antonio.“

Festa de N. S. das Dores. Revestiram-se da maxima imponencia os septenários realizados em luyor a N. S. das Dores, que, devidos aos bons officios da ordem, foram abrilhantados com a presenca no coro, de diversos apreciados maestros, discipulos do inextinguível e respeitado commendador Mendanha, o musico, por excellencia.

Presta relevantes serviços, á geração presente, a ordem 3ª das Dores, conseguindo reunir os preciosos ornamentos da conceituada orchestra Mendanha, fazendo-a ouvir tocantes trechos de musica sacra, magistralmente executados sob a regencia do criterioso maestrino Lourenço Cunha. Notadamente o *Stob Nater* cantado pelo exímio cantor o sr. Luiz Pereira que o fez com muita expressão e sentimento.

Hoje dia consagrado pelo calendario catholico ás 7 Dores de Maria, realisar-se-á a festa que constará de missa solemne ás 11 horas da manhã, com sermão ao Evangelho pelo illustrado orador sacro o revd. padre Gustavo Locker; as 4 da tarde, *veja não*, encerrando esta cerimonia com um solemne *Te-Deum Laudemers*.

No côro, como acima já vimos, occupado por elementos dispersos da estincta orchetra Mendanha, será cantada uma missa, composição d'esse pranteado maestro.

O Ypiranga. A estudiosa mocidade da Escola Brasileira nos distinguindo com o n.º unico do bem elaborado jornal „Ypiranga“, que publicaram em comemoração ao anniversario da independencia do Brazil.

Gratos pela delicadeza da lembrança. Recreio Juvenil. A noite de 13 do corrente, diversos cidadãos, socios da adormecida sociedade Recreio Juvenil, reunidos na residencia do sr. Paulino de Souza Bastos, por motivo de seu anniversario natalicio, tiveram a idéa de reerguer aquella sociedade, constituindo para este fim a seguinte directoria provisoria: director, Paulino de Souza Bastos; secretario, Rainero Augusto de Moraes; thezoureiro, Paulo Maximiliano; procurador, Candido Maximiliano.

União Juvenil. Esta sociedade realiza hoje ás 4 horas da tarde uma sessão de assemblea geral á rua Duque de Caxias n. 31.

Restabelecido. — Teve alta, sexta-feira, da Santa Casa, onde se achava em tratamento de uma molestia de olhos, o cidadão Abrahão Orci de Saraiva.

Enfermos. — Enfermaram os cidadãos Jacintho Gonçalves de Leonardo, o capitão Sergio Aurelio de Bittencourt, e o director d'esta folha, Tacito Pires.

Continúa enfermo o nosso velho amigo Calisto Felizardo de Araujo.

Entrou em franca convalescencia a exma. sra. d. Florencia da Silva, virtuosa esposa do sr. Gervasio Antonio da Silva.

Festa de N. S. do Rosario. — A mesa administrativa da archi-confraria de N. S. do Rosario, a cuja frente se acha o nosso amigo major João Baptista da Silva, commemorará a sua padroeira a 1.º de Outubro.

A festa constará de missa solemne ás 10 horas da manhã e sermão ao evangelho.

A tarde sahirá a procissão, que percorrerá as ruas do costume, sendo á entrada entoado solemne *Te Deum Laudamus*.

Em todos esses actos é provavel que tenhamos o prazer de ouvir no côro a orchestra composta de discipulos de reconhecida nomeada do saudoso maestro Medanha de quem cantarão uma missa.

Muito se tem empenhado o prior da archi-confraria o major João Baptista da Silva, coadjuvado pelo coronel Franklin Ferruggem para fiel execução do programma annuciado.

Notas a recolher. — A 30 de setembro terminará o praso para o recolhimento das notas do thesouro nacional sem desconto, dos valores seguintes: 50\$000 rs. da 6.ª estampa; 200\$, 100\$ e 50\$ rs. da 7.ª estampa; 200\$ e 20\$ da 8.ª estampa.

Até a referida data foi tambem prorogado o praso para o recolhimento das notas de 5\$, 10\$, 20\$, 30\$, 50\$, 100\$, 200\$ e 500\$ dos bancos emissores: do Norte, Estados Unidos do Brazil, Bahia, Pernambuco, Sul, União de S. Paulo, Nacional do Brazil, Banco da Republica (nova emissão), Republica dos Estados Unidos do Brazil, Republica do Brazil e o Credito do Popular do Brazil.

Dadiva. — Pessoa que occulta seu nome fez ao nosso amigo major João Baptista da Silva, prior da archi-confraria do Rosario, de um custoso rosario de ouro, cuja joia servirá de adreço a N. S. no dia da procissão da mesma.

Uma erva que faz dormir. — Foi um botanico americano, Vernon Bailey, que a descobriu.

Encontrou-a, no anno passado, nas montanhas do Sacramento. Era de tarde; acabavam de parar para passar a noite e estabeleciam o acampamento. Os cavallos, desatrelados, pastavam com avidéz. Passou um *rachman* que chamou os viajantes.

—Tomem cuidado, disse elle, os seus cavallos enchem-se de «erva para dormir» e os senhores não podem proseguir a viagem antes de oito horas.

Bailey não desejava ficar oito dias na montanha, mas, ao mesmo tempo, tinha curiosidade de vér o effeito de tal erva. Deixou, pois, os cavallos continuar a

comer durante meia hora, depois mudou de logar, prendendo-os num sitio onde não havia erva de dormir.

No dia seguinte, de manhã, Bailey pôde analysar o effeito produzido, apesar de ser muito pouca a erva consumida. Um dos cavallos, de pernas abertas, com a cabeça levantada para o ar, as orelhas e o beico inferior pendentes, dormia profundamente.

Os outros cavallos dormiam tambem, mas numa attitude menos extravagante. Custou muito a fazel-os andar. Não queriam beber nem comer, e quando deixavam de os espertar, com o chicote ou a espora, paravam e cahiam logo adormecidos. Esta especie de torpôr durou tres dias e depois dissipou-se.

A erva de dormir faz somno e a valer. Não exerce nenhuma outra influencia, a não ser o augmento de transpiração.

O animal que a come fica inutilizado durante oito ou dez dias e emmagrece muito, porque durante esse periodo não toma nenhum alimento.

Calendario social

Profções. Fizeram annos:

A 16, a senhorita Herminia Steurnagel; a exma. sra. Ritta Vieira e o sr. Gustavo Aurich, laborioso typographo, empregado nas acreditadas officinas dos srs. Gundlach & Becker.

A 17, a menina Lisetha Kumunal, filha do laborioso operario empregado da hydraulica Porto-Alegrense.

Faz annos hoje a interessante menina Olga, filha do nosso amigo Jacintho Gonçalves Leonardo.

Farão annos:

A 19, o joven Waldonato Fettermann, filho da sr. Fettermann.

A 19 o sr. José Campos e o seu joven filho Ademar de Campos; o joven José Kumunal, filho do sr. Francisco Kumunal.

A 20 a senhorita Mathildes Barcellos, filha da exma. sra. d. Maria Lucinda de Freitas.

A 21, a exma. sra. d. Sara Teixeira de Assis, virtuosa esposa do sr. Hypolito Francisco de Assis.

A 25, a galaute senhorita Elda de Souza Bastos.

Floresta Aurora. O centro dramatico desta sociedade, em homenagem a gloriosa data de 28 de Setembro, levará a scena em sua séde social o primoroso drama do laureado litterato, o saudoso patricio Arthur Rocha: *A filha da escrava*.

Fará o protagonista da peça o futuro menino Arthur Torres.

Neo-nado. Ao nosso amigo Affonso José Torres apresentamos os nossos parabens pelo nascimento de um seu filhinho a 15 do corrente.

— Ao nosso amigo o tenente Modesto Carlos dos Santos e exma. esposa nossos parabens pelo nascimento de um filhinho a 13 do corrente.

Centro Recreativo. Na noute de 10 do corrente o bello sexo que frequenta esta sociedade dedica-a uma atrahente *soirée* dançante sob a direcção das gentis senhoritas Marcolina Barcellos e Eleutheria das Chagas.

A reunião conservou-se animadissima até a manhã de 11.

Centro Dramatico Instructivo Familiar. Conforme noticiação nos realison-se na noute de 15 do cor-

rente o espectáculo e sessão solemne commemorativos ao anniversario em que a sociedade hasteou o pavilhão na casa que hora occupa.

Os amadores encarregados dos principaes papeis muito contribuíram para o bom exito da festa.

O sr. João Baptista com muito gosto cantou as engraçadissimas cançonetas, *Missa Campai* e *Pela Janella* arrancando geraes applausos do numeroso auditorio.

Na sessão solemne fizeram-se ouvir os srs. José da Silva Lisboa presidente honorario do «Centro» que dirigiu-se á esta folha em dedicadas phrases: os srs. Adalberto Rodrigues, José de Lima, João de Lima, Ulysses de Barros e um representante do «Centro Recreativo» que não nos foi possivel saber o nome.

O nosso representante agradeceu todas as referencias feitas á esta modesta folha.

No proximo domingo *Pompilio* o chronista cá da casa dirá algo sobre as festas que terminaram hontem com um pomposo baile.

ANNUNCIOS

Mercado

Banca n. 1. (*primeira quem vem da banca do peixe*). — Vende-se turubi, nogueira, baicuri, cascas, raizes e todas aservas medicinaes, colhidas na lua apropriada. Assim como tem sempre mel de pau legitimo, tripas para linguças e salames, mocotó limpo, proprio para ser preparado em casas de familias.

Manoel Bento Rodrigues & Cia.

Casamento Civil

No escriptorio desta folha ha quem prepare mediante modica contribuição todo o processo e dê instrucções referentes a divorcios, nullidades de casamentos etc.

Cavalheiro

SECCOS E MOLHADOS e RESTAURANT

DE **Cavalheiro & Co.**

tem sempre aos sabbados e domingos, o excellente **mocotó**.

Rua General Paranhos n. 32.

Photographia Ferrari

Novidades illuminações photographicas pelo systema

Radio Tinte

Trabalha sobre porcelana, seda, linho imitação a esmalte, proprio para medalhas, pregadores, etc.

Rua dos Andradas, 254

A casa — Ao n. 8

da rua da Olaria, com grande sortimento de moveis novos e usados, vende, por preços modicos, sobretudo, capas hespanholas, machinas de costura, livros, relógios, musicas instrumentadas para orchestra e banda todo o utensilio domestico.

Floresta Aurora
QUARTA-FEIRA, 28 de Setembro de 1904.
Espectaculo de gala.

O centro dramatico desta sociedade commemora a gloriosa data de **28 de Setembro**, levando a scena o drama

A filha da escrava,

primorosa joia litteraria da lavra do immortal escriptor **ARTHUR ROCHA.**

DETALHE:

1.ª parte: Apotheose ao Visconde do Rio Branco
2.ª „ „ O citado drama em 3 actos.